

MEMÓRIAS DE UMA ÉPOCA

Josaphat Marinho



FRED LOBO

Acabam de ser publicadas em livro as memórias de Mário Martins: *Valeu a Pena*. Nelas estão retratados o homem, o jornalista e o político. O homem, na sua autenticidade. O jornalista, na limpidez do estilo. O político, na fidelidade ao interesse público. Das reminiscências da infância e da juventude, da família e dos lugares onde residiu e trabalhou, das rodas boêmias que frequentou, ele se estende às questões da imprensa e da política, e às mazelas da vida partidária. Não doutrina, menciona e interpreta fatos e personalidades. Refere-os no que lhe é vantajoso ou adverso, indica-os em face de suas vitórias e derrotas. Revela as dificuldades do jornalista, dependendo do emprego e da tolerância de dirigentes à afirmação de suas idéias. Lembra companheiros de parlamento, com os quais conviveu na solidariedade das lutas contra o arbítrio, ou na diversidade de posições políticas.

Durante a guerra foi a Londres, a convite do governo britânico. Viu a cidade destruída e o povo resistente. Descreve tudo com olhos de observador atento e jornalista perspicaz. “Nos quarteirões arrasados, cadáveres de edifícios mostravam silenciosamente os restos de seus ossos: pedaços de móveis equilibrando-se em encanamentos, farrapos de cortinas flutuando em janelas milagrosamente intactas em paredes semidestruídas, lances de escadas que não levavam a lugar nenhum”. E informa: “Apesar disso, não se sentia pânico nas ruas”. Recordando as vacilações de Vargas, lembra que, “finalmente, em agosto de 43, atendendo ao clamor popular, o governo constituiu a Força expedicionária Brasileira e anunciou que o país enviaria tropas para a Europa”. Acentua a importância dos “pracinhas” nos campos de luta e seu retorno vitorioso, influenciando na redemocratização do país.

No contraponto, relata o embarco em que se encontrou por se ter aproximado, no primeiro instante, do movimento de 1984, conduzido por Magalhães Pinto, de quem era amigo. Ao chegar ao Rio, na companhia dele, os filhos estavam alvorçados. A afirmação era esta: “Vocês rasgaram a Constituição”. Depois da tentativa de defesa frustrada, e “como as semanas seguintes deixaram claro” que eles tinham razão, reviu sua posição, sem demora. Com a mesma clareza escreve: “Minha adesão ao movimento de 64, portanto, não durou nem duas semanas”. Nem só não durou, como resumiu sua atitude de democrata, na trincheira comum dos combatentes. No curso do tempo e dos acontecimentos políticos, vieram-lhe, e aos filhos, as perseguições e as prisões. Como conta, nos depoimentos e nas cadeias a que foi levado, encontrou autoridades militares exemplarmente educadas e algumas grosseiras. A uma destas, pelo tratamento desatencioso, houve que retrucar assim: “Não vejo valentia num carcereiro que não res-

peita um preso sob sua guarda”.

Resistindo no infortúnio, foi eleito vereador, deputado federal e senador. Disposto a não ceder, em demasia, no plano das idéias, renunciou ao mandato de deputado federal. Preferia estar na planície, de consciência tranqüila, a permanecer nas alturas, sem liberdade de ação e de pensamento. Nas oscilações da existência, parece que permanente nele era a vocação para o jornalismo, como forma de exercitar, regularmente, o espírito crítico. Prova expressiva dessa inclinação para a imprensa independente foi sua saída de redator-chefe de *O Radical* e a determinação de “montar” o seu jornal. Assim nasceu *Resistência*, fundado com Victor do Espírito Santo. Mas o exemplo maior de sua autonomia de pensar e agir talvez esteja na convicção manifestada a propósito da sua derrota, na última eleição a que concorreu. “Na política — observou nas memórias — muitas vezes o interesse do país não está casado com o sentimento do eleitor. O oportunista fica sempre com a rua; o político sério, com aquilo que julga ser o melhor para o homem da rua. Essa reflexão é tanto mais exata diante da influência crescente da propaganda, que impressiona, confunde e conduz a opinião coletiva, não raro para destino incerto. No raciocínio sisudo revela pormenores das humilhações a que foi exposto JK, até por um escrivão sem compostura, e realça, também, a interferência eficiente do governador Magalhães Pinto e a atitude correta do brigadeiro Eduardo Gomes, ministro da Aeronáutica.

Mas a naturalidade das memórias faz com que o pensamento deslize do fato grave para o engraçado. Assim refere que, embarcando num ônibus, no Rio, a viagem não se iniciava. Enquanto outros passageiros reclamavam, foi ao posto policial. “Por que o ônibus não pode partir?” — perguntou. “O ônibus pode, o senhor é que não pode” — respondeu o policial. E pouco depois, enquanto andava para embarcar no carro que o levaria, preso, à polícia, um passageiro exclamou, em voz alta: “Estão vendo? É por causa desses privilégios que este país não vai para a frente. Nosso ônibus atrasou só para que o jornalista aí pudesse pegar um carro”. É comum, na vida do político, que até o sofrimento se converta em privilégio.

Mário Martins não escapou a esse equívoco, que sua vida de sacrifício rebateu, com vantagem. Das dúvidas, que todos experimentamos, emergiu sempre o democrata e o lutador. O filho, Franklin Martins, lhe traçou bem o perfil, na introdução das memórias. “O fato é que desconfiava do poder e amava a rebeldia; desprezava a pose e a bajulação e encantava-se com quem remava contra a corrente”. Companheiro dele no Senado, no regime de 1964, valeu a pena revê-lo nas memórias, porém é sensível sua falta, nos dias presentes.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia